

# Pela margem: uma reflexão sobre as margens e cartas de amor ao Rio Doce

*By the margin: a reflection on the margins and love letters to the Rio Doce*

José Cirillo  
(PPGA-UFES/LEENA/FAPES)

**Resumo:** Este texto fala sobre o impacto do rompimento da barragem da Samarco (MG) em 2015 no Rio Doce, destacando a devastação ambiental e social decorrente da contaminação por rejeitos de mineração. A paisagem ribeirinha, outrora marcada por afetos e subsistência, transformou-se em um ecossistema adoecido, inviabilizando atividades tradicionais e contaminando recursos hídricos. Paralelamente, aborda o projeto artístico “Monumentos de Amor ao Rio Doce” (2018-2020), liderado por Piatan Lube, que coletou cartas de comunidades atingidas no Espírito Santo. A iniciativa utiliza a arte como ativismo para denunciar o crime ambiental e resgatar memórias coletivas, redefinindo a relação entre cultura, natureza e resistência.

**Palavras-chave:** desastre de Mariana; contaminação ambiental; arte engajada; Rio Doce; memória coletiva.

**Abstract:** This text discusses the impact of the collapse of the Samarco dam (MG) in 2015 on the Rio Doce, highlighting the environmental and social devastation resulting from contamination by mining waste. The riverside landscape, once marked by affection and subsistence, has become a diseased ecosystem, making traditional activities unviable and contaminating water resources. At the same time, it addresses the artistic project “Monuments of Love to the Rio Doce” (2018-2020), led by Piatan Lube, who collected letters from affected communities in Espírito Santo. The initiative uses art as activism to denounce environmental crime and rescue collective memories, redefining the relationship between culture, nature and resistance.

**Keywords:** Mariana disaster; environmental contamination; engaged art; Rio Doce; collective memory.

DOI: <https://www.doi.org/10.47456/rf.rf.2132.49279>



Passava das nove da manhã, quando ao lado, pela janela, o rio Doce era acompanhado pelo trem que serpenteava suas margens. O barulho dos carros deslizando nos trilhos, o som da máquina que puxava e conduzia, era ritmado. A paisagem que passava pela janela era tranquila. O tempo parecia ser de outra dimensão.

Longe do ritmo acelerado das cidades. O tempo nessa jornada parece ser desacelerado. A maioria da paisagem ainda é mata quase fechada; rio e pasto complementam. A grande serpente marrom integra as minas e os mares. Marcações humanas pontuam sua existência numa natureza que parecia parceira. Lentamente invadida pelas casas que sobem o morro; pelos equipamentos urbanos de iluminação e transporte.

Viajar pelo rio Doce parece ser viajar por parte da história capixaba. Histórias ribeirinhas. Ribeirinhos. Lugares de afeto, enquanto o trem desliza.

Mas, o rio segue em sua lentidão. Qual serpente alimentada, desliza entre suas margens, como se alheio pudesse estar às cidades que cruza.

Violentado, sua mansidão se tomou de dejetos da especulação do minério. O rio que tanto serve ao ecossistema que o cerca (e por ele é definido), agora jaz caudaloso de rejeitos da mineração. Adoecido, o grande rio Doce sobrevive. Todos os seres que dele necessitam são afetados. Mesmo depois de alguns anos.

Essa reflexão, tomada por viajar às suas margens – maculadas pela ganância imperialista, me lembrou todo o esforço feito para salvar o rio nesses últimos anos. Pescadores não podem mais pescar ou se alimentar do rio, a água, sobre carregada de elementos que afetam a vida... inerte e caudaloso, serpenteava os mesmos lugares, agora adoecido... O barro toma a água, mata a vida.... deixa sem ofício e recursos a população ribeirinha. Todos silenciados pela tragédia, a qual os meios de comunicação chamaram de “acidente natural”.

Em 2015, quando do rompimento de uma represa de dejetos de uma mineradora no interior de Minas Gerais. Uma barragem em montante, em que terra, ou melhor, rejeitos da própria mineração vão sendo adicionados, vão sendo depositados até



A contaminação e alterações nas águas, na vida e na paisagem do rio Doce. Foto: Leonardo Merçon



A Morte ou a contaminação de peixes inviabilizando atividades econômicas e alimentação.

Foto Leonardo Merçon

formarem uma “praia” de restos; é um método barato e arriscado, como de fato aconteceu o rompimento de milhões de toneladas de sujeira e metais pesados que percorreram os 600 km do Rio Doce. Era de se esperar que um dia essa tragédia ocorresse, por isso, chamar “acidente natural” é uma tentativa de amenizar as responsabilidades pela tragédia. Pessoas morreram, muitas pessoas perderam seus bens, e principalmente a própria natureza perdeu.

A paisagem ribeirinha do Rio Doce mudou. Arrasada pela lama; afastando a vida que sobrou ao longo do leito caudaloso de dejetos. Metais pesados inviabilizaram as águas. E seu uso. Segundo reportagem publicada na Revista Veja, em abril de 2017 (dois anos após a tragédia),

[...] a água desses locais não é adequada para consumo humano e, em alguns casos, também não é recomendado o uso para irrigação de plantas – situação de alguns pontos de Governador Valadares e Colatina. [...] Os pesquisadores disseram que ainda não podem afirmar que os poços sofreram a contaminação direta por conta da lama vindas da barragem, já que faltam estudos prévios

na região. Mas, como os poços só foram implementados e utilizados após o derramamento de água no rio — antes 98% da população se abastecia diretamente com a água do Rio Doce —, o estudo trata a contaminação como uma das consequências do rompimento da barragem.<sup>1</sup>

## Atos de amor ao Rio Doce

Entre 2018 e 2020, um artista e ambientalista desenvolveu um projeto chamado “Monumentos de Amor ao Rio Doce”. O projeto poético abordou o impacto do crime ambiental causado pelo rompimento das barragens da SAMARCO (MG) ao longo do Rio Doce, no Espírito Santo. A ação poética e artivista reuniu mais de 1.800 “cartas de amor ao Rio Doce”, escritas em ações estéticas em localidades atingidas; foram coletadas em seis comunidades ribeirinhas que participaram de uma residência artística coletiva.

Cartas de Amor ao Rio doce. “não posso mais fazer horta. Não pode nem regar não. Minha mãe lavava roupa no rio. Não pode lavar mais não. Os peixes que pulavam ai a fora, agora num tem nem força”. Esse foi um dos depoimentos coletados por Piatan Lube.

Lube, como artivista (dedicado às questões de transformação social) declarou:

A voz ativista, de denúncia, é calada sistematicamente a cada dia, e a arte parece ser o único ponto capaz de fazer aflorar outras posturas políticas. Queremos procurar o potencial artístico e crítico em cada comunidade e afirmar uma nova postura do artista diante da criação de obras de arte, pois este monumento intervém dentro do coração dos nossos interlocutores, cocriadores, para fazer despertar um novo sentimento-realidade.

Lube, definitivamente, não é um escultor. É um artista. Um ser coletivo resultante da mediação possível estabelecida pelo artista, a cultura e o ambiente, dos quais os fenômenos sensíveis ligados à obra parecem ser acionados. O compartilhamento de signos, culturalmente estabelecidos, possibilita que a arte pública, em Lube, tenha uma plenitude existencial.

Os documentos do processo de “Monumentos ao Rio Doce” permitem verificar a ativação de práticas de desapropriação do conceito tradicional de autoria, permitindo, ainda, o compartilhamento de um destino poético da obra com a paisagem e com a cultura, mediando memórias em ato. Uma poética baseada em uma estratégia de mediação memorial, evidenciada nas trocas culturais e ambientais aqui expressos nessas imagens do processo da obra.

A obra de Lube, não tem só um autor, ele tem coautores, pessoas anônimas que habitam a cidade, habitam as margens do rio Doce. Pessoas que parecem estar constituindo estratégias de resgate do Rio Doce — não exatamente de suas águas

---

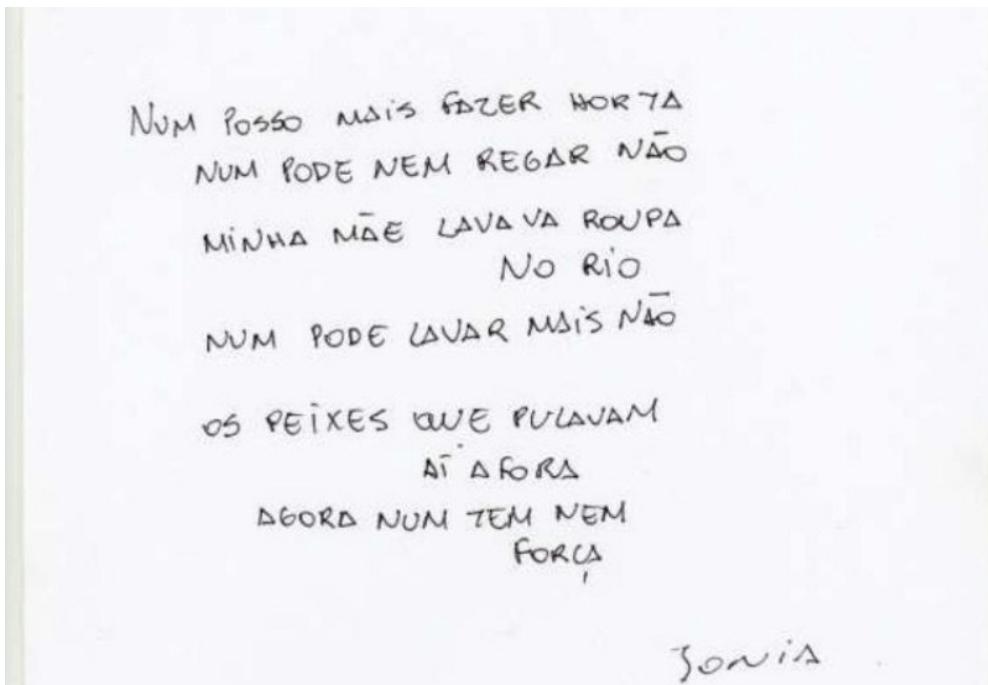
<sup>1</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/mariana-aguas-subterraneas-da-bacia-rio-doce-estao-contaminadas/>. Acesso em: 9 jun. 2025.



Piatan Lube, um jovem artista capixaba empenhado nas práticas colaborativas e sociais nas artes, dedicou parte de sua obra a ouvir as pessoas ao longo do rio Doce. Trocava frutas e conversas por cartas.

(pois isto lhes foge à capacidade), mas pela redesenham das práticas culturais que impregnam traços culturais e ambientais. Juntos, Lube e as comunidades ribeirinhas, redefiniram memórias compartilhadas como paisagem, como vida e como arte, sintetizadas em um trabalho público, coletivo e em processo.

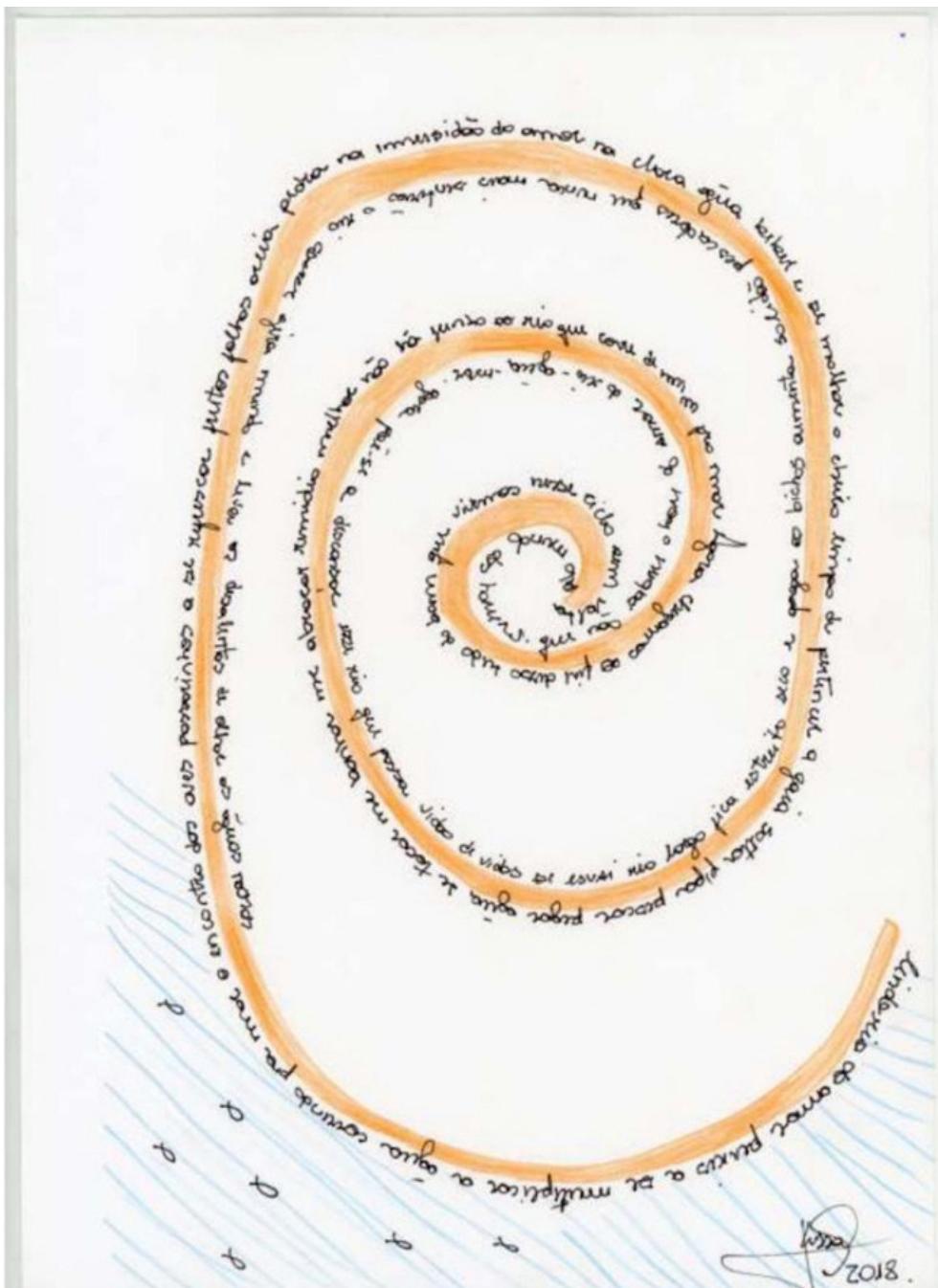
Que mais obras como essa de Lube nos ajudem a recuperar não apenas o valor ambiental do rio Doce, mas seu valor cultural, como uma artéria que atravessa nosso estado e desenha nossas histórias. Que nossas futuras viagens por essas margens sejam repletas novamente de vida de um rio que, embora ainda doente, se recupera, evidenciando que a natureza é mais forte que nossas imprudências humanas. Que essas águas, mais que margear cidades, voltem a dar-lhes vida, afeto e acolhimento.



Cartas de amor  
ao Rio Doce  
coletadas em  
residência artística  
nas comunidades  
ribeirinhas ao rio  
doce, no ES, por  
Piatan Lube, 2019-  
2020.



Imagens da obra  
Monumentos de  
Amor ao Rio Doce.  
Piatan Lube, 2018-  
2020.



Cartas de amor ao Rio Doce coletadas em residência artística nas comunidades ribeirinhas ao rio doce, no ES,  
por Piatan Lube, 2018-2020.



### **José Cirillo**

Pós-doutor em Artes pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Artista e Pesquisador Produtividade PQ2 CNPQ. Coordenador (2018- até a presente data) e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Artes da UFES. Desenvolve pesquisas e projetos sobre ecossistemas urbanos e arte pública, observados pelo processo criativo com financiamentos do CNPQ, CAPES e FAPES.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6864-3553>